

Cultura Fundação Gulbenkian acolhe apresentação do projecto na quarta-feira

Luandino

Vieira

A potência e a fragilidade dos papéis da prisão são agora um manancial digital

Dando sequência ao livro publicado em 2015, tudo o que o autor escreveu no cárcere fica agora disponível “para toda a gente”. Um “esmagador” acervo de duas mil páginas

Isabel Lucas

“Toda a gente. Isto teria de estar disponível para toda a gente.” Só assim faria sentido para José Luandino Vieira, diz ao PÚBLICO Margarida Calafate Ribeiro sobre a decisão de tornar público e acessível a todos o arquivo digital que contém a produção completa do escritor durante os anos em que permaneceu na prisão. Primeiro em Luanda, depois no Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde. São duas mil páginas que incluem escritos políticos, o seu projecto literário, desenhos, um diário pessoal – e que na quarta-feira chegam ao formato digital.

“Toda a gente teria de ter acesso. Ele tem uma prática de luta pela liberdade, mas não há liberdade sem justiça. Esse é um dos elementos fundacionais do seu pensamento e da sua forma de actuar”, continua a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra que, com o também investigador Roberto Vecchio, já havia trabalhado na edição do livro *Papéis da Prisão. Apontamentos, diário, correspondência (1962-1971)* (Caminho, 2016), um dos maiores contributos para a literatura de cárcere em língua portuguesa, publicado em 2015, a partir do que

Luandino Vieira escreveu ao longo dos 12 anos em que esteve preso.

São 17 cadernos, com muito material inédito, produzidos na sequência da sua prisão pela PIDE por integrar o movimento independentista angolano. O arquivo organizado por Margarida Calafate Ribeiro, Roberto Vecchio, Mónica V. Silva, Helena Rebelo e Nuno Simão Gonçalves foi financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (que também já financiara o livro) e ficará num *site* alojado, precisamente, na morada *online* do CES.

É o concluir de um projecto que começou em 2012, quando o CES organizou o congresso *Memória Distante da Guerra*, sobre “guerras de libertação, guerras coloniais e guerras civis”. “A ideia era trazer não os guerrilheiros, ou os ex-combatentes, mas os que estavam à volta: as mulheres, os presos políticos. Luandino foi convidado nessa categoria, juntamente com José Luís Cabaço, um ex-clandestino da Frelimo [Frente de Libertação de Moçambique]. Ele trouxe os papéis para nos dar o exemplo do que era a vida de um preso político na altura, e leu alguns textos para percebermos esse quotidiano. E a partir daí é toda uma história de ir atrás de fragmentos”, conta a investigadora, sintetizando um longo percurso que teve como ponto alto, em 2015, a publicação de um “monumento” – “do ponto de vista de escrita da prisão e da experiência de vida e da memória”

– e que oito anos depois culmina com a digitalização de todo o acervo.

Avesso a conversas públicas, o escritor não quis falar sobre este momento, mas Margarida Calafate Ribeiro garante que está “a ser muito emocionante” para o autor de *Luanda* (1963), o mesmo que em 2006 recusou o Prémio Camões, o maior galardão das letras em português, alegando razões pessoais.

Na entrevista que concedeu a Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchio, incluída em *Papéis da Prisão*, Luandino Vieira fala do início do seu



Desejavelmente [este arquivo] representará uma consciência do quanto é importante a liberdade. E do que temos de fazer quando a perdemos

Margarida Calafate Ribeiro
Investigadora



projecto de construção literária e política e de como a prisão, em 1961, o apanhou, aos 26 anos, nessa espécie de génese artística. “(...) Eu já tinha o hábito de escrever clandestinamente e na prisão desenvolvi essa prática. Os apontamentos, o diário, surgem também porque percebi que muito embora tivesse sempre confinado na minha memória (tenho muito boa memória), havia coisas que eu tinha de escrever, até porque a memória não podia guardar isso tudo.”

Margarida Calafate Ribeiro sublinha a percepção do autor de que a permanência na prisão seria longa. Na mesma entrevista, feita na casa onde vive, em Vila Nova de Cerveira, o escritor adianta que foi fácil adaptar-se à escrita no cárcere. “Os apontamentos, as notas já eram feitos pensando nisso [o projecto de registar a experiência], e os bilhetes que recebia, muitas vezes diziam: ‘Lê, decora e rasga.’ Eu lia, decorava e indisciplinadamente guardava.”

“Perplexidade!”

Parte do resultado dessa indisciplina enriquece agora os arquivos sobre esse momento da nossa história colectiva, mas também da biografia de um escritor e de uma literatura em grande parte feita em contexto de encarceramento. “É um arquivo complexo, muito frágil em termos materiais”, diz a investigadora.

Organizado cronologicamente por

cadernos, permite ter a percepção não apenas da evolução de um pensamento, mas também de uma rotina – uma justaposição capaz de dar um retrato mais amplo de um dos escritores mais originais e também mais reservados da literatura em língua portuguesa. Um retrato de que fazem parte a caligrafia cerrada, os desenhos dos espaços em que era forçado a viver, dos rostos de familiares ou das personagens que, antes de escritas, nasciam de esboços, as fotografias de companheiros de prisão, poemas, reprodução de falas, do som do crioulo cabo-verdiano, impressões acerca de momentos que ele adivinhava dramáticos. Como este, à chegada ao Tarrafal, depois de ter saído da prisão de Luanda. “Perplexidade! Parece um sonho vir cá parar. A todo o momento creio que vai desaparecer o que tenho na frente e encontrar-me outra vez em Luanda. Mas não. O campo é o normal de c[ampo] de conc[entra]ção], fiadas duplas de arame farpado com outras transversais, guaritas c/sentinelas armado, nas esquinas, cães, luzes e barracas.”

O texto acima citado consta de *Papéis da Prisão*, mas estar diante da reprodução do original traz-lhe um novo dramatismo que amplifica o testemunho. Voltamos a Margarida Calafate Ribeiro: “A ideia era tentar conservar essa materialidade frágil e transmiti-la ao leitor da melhor maneira possível, através de reprodu-



ENRIC VIVES RUBIO

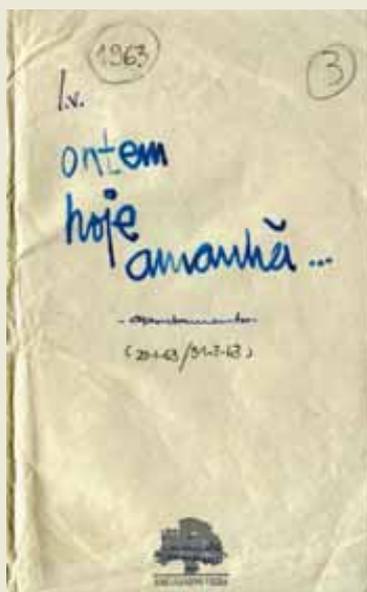


DR

ções, com a convicção de que era importante ser partilhada publicamente para que as pessoas percebessem o que está além do livro. O Luandino é conhecido pela sua faceta política, mas também pela de ficcionista, de poeta, pelos desenhos. Ele é um artista multidisciplinar, mas este lado do Luandino, com este projecto político, este projecto de escrita, esta constante sustentabilidade familiar, nós não conhecíamos. Tudo isso era

importante partilhar enquanto ele estivesse presente, capaz de fazer as coisas connosco.”

A caligrafia na página 27 do caderno 3 é mais estendida. Luandino ainda está em Luanda, próximo da família, talvez a necessidade de poupar papel não fosse tão imperativa. “O Raul quando fala sem pensar é duma visão das realidades objectivas (como diz o amaral: se ele pensa, estraga tudo). Hoje, em frente à cela da Clara,



Episódios do cárcere, esboços de personagens que virão a povoar a sua literatura, um retrato do filho, Xexe, que o escritor perdeu de vista aos quatro meses de idade: o acervo que agora fica online resume 12 anos de vida e de criação

distribuindo o almoço, saiu-se com esta para mim e Amaral que não perdemos uma oportunidade de estar à porta:

– Angola é nossa! – e acrescentou irónico:
– Até ver!”

Está entre páginas cheias de desenhos, a maior parte estudos de personagens, no que parecia constituir um regresso à sua primeira expressão artística, a expressão plástica. Foi dela que nasceu a literária, numa das prisões de Luanda. Aquela em particular, descreve-a como “a cadeia que deu mais material literário”, como salienta na mesma entrevista, que também estará no novo site. É a ela que pede agora que nos limitemos. Não irá dizer mais nada.

Emoção visual

E tudo segue respeitando a sua vontade. Na próxima quarta-feira, Luandino Vieira estará no auditório 3 da Gulbenkian para assistir à apresentação do arquivo. Esteve sempre presente nos momentos decisivos. Desde o início, em 2012, acompanhou todo o trabalho desenvolvido pelos investigadores do CES, e, já na fase da construção do arquivo, pelo arquitecto Nuno Gonçalves e pela designer Helena Rebelo.

Havia vários desafios, a começar pela já referida fragilidade material dos documentos, mas também, por exemplo, a dificuldade de responder à pergunta: a quem pertence isto? “A ele, é claro, mas, como ele diz, às gerações futuras”, responde Margarida Calafate Ribeiro. Depois do livro, era necessário traduzir esse testemunho físico original para outra linguagem compatível com a proposta do diário em si. “Tentámos ao máximo que fosse uma coisa muito limpa, que fosse possível ler as histórias e ter a percepção de se estar a mergulhar naquele diário.”

Há o homem nascido em Ourém a 4 de Maio de 1935 com o nome de José Vieira Mateus da Graça, o escritor que escolheu chamar-se José Luandino Vieira, o artista, o político e a sua visão do mundo, mas também uma época, depois de ter escolhido combater pela independência ao lado do MPLA, do casamento com Linda, do regresso a Portugal, do nascimento de Xexe, da prisão. A primeira vez em 1959, e de novo em 1961, tinha Xexe quatro meses.

Fora chamado à sede da PIDE. Achava que seria uma visita breve. Ficou. E de lá foi transferido para Luanda, e de Luanda para o Tarrafal. Ao todo foram 12 anos de prisão efectiva. Nos papéis, essa vida inteira perpassa. Há desenhos da mulher e um rosto imaginado de Xexe, o filho que deixou de poder continuar a conhecer quando foi transferido de Luanda, onde estava a família, para o Tarrafal. Bilhetes de companheiros de luta pela independência, estudos para capas de livros, o desejo da galinha de um dos contos que compõem

Luanda: “Vou pôr a história da galinha e do ovo. Esta história passou no musseque Terra Nova, nesta terra de Luanda. Se é bonita ou feia, vocês é que me vão dizer. Eu só sei que é preciso contar-lhe...”

O que poderá representar tudo isto para quem o ler? “Desejavelmente representará uma consciência do quanto é importante a liberdade, que, como já se disse, aparece sempre conjugada com a questão da justiça. E do que nós temos de fazer, ou podemos ter de fazer, quando a perdemos, ou quando ela falha. Aí também a materialidade do arquivo é importante, porque não me aparece que seja muito imaginável para um jovem português de hoje perceber sequer o que aquilo era, escrever daquela forma hiperdensa por não haver papel, e porque era preciso enrolar o papelinho e guardá-lo num sítio qualquer que fosse protegido. Não me parece também que seja muito possível para um jovem de hoje, em Angola, imaginar essa dimensão da luta através de papéis, de desenhos. É um exercício de sobrevivência humana. Está no livro *Papéis da Prisão*, mas visualmente essa sobrevivência fala de outra forma.”

Além do acervo, o site traz novas contextualizações, e é ele mesmo um documento acerca da sua própria construção. Está lá o autor dos *Papéis da Prisão*, mas também estão lá as reflexões que esses papéis já provocaram na imprensa ou na academia, onde desde então já duas teses foram defendidas e outras quatro estão a ser feitas neste momento. Juntam-se ainda artigos sobre questões coloniais e literárias, sobre o cárcere, sobre a guerra. E o texto da peça levada a cena por Jorge Silva Melo – *Tenho Trinta Anos Estou nas Cadeias Há Quatro*, a partir de *Papéis de Prisão*. Uma galeria de imagens mostra o *making-of* do livro.

Digitalizado o arquivo, abrem-se os cadernos, passam-se as páginas e Margarida Calafate Ribeiro refere como esse simples gesto pode provocar uma “emoção estética”. “É um espaço de imersão visual que nos confina, quase, ficamos presos àquilo. Passa muito pelo silêncio e pelo respeito, quase uma incapacidade de dialogar, porque está lá tudo, de alguma maneira. Preenche-nos.” E, conclui, 50 anos depois este era um gesto importante: “Vamos estar a festejar o 25 de Abril, as independências e, com o acordo do Luandino, era importante que isto ficasse disponível para as gerações futuras; que as pessoas possam aceder a uma emoção que vá além do texto. Este material tem essa capacidade de nos emocionar. É muito paradoxal: isto é de uma fragilidade enorme, de uma potência enorme, mas por outro lado é uma coisa que nos esmaga.”